

Gabriel Mariano

" A lirica claridosa não é, ainda, uma posição anti-colonial. Não é, nem nada que se pareça algo que tenha a ver com a ideia de independência política ou nacional."- Manuel Ferreira

" (....) O comprometimento político desse grupo de pessoas (os claridosos) que, mais do que fazer dilettantismo com a literatura, pretendia levar em frente um projecto pelo qual fosse possível arregimentar esforços para a defesa dos interesses nacionalistas e populares do arquipélago."- " Entre os precursores de Amílcar Cabral pode ter estado, através da "Claridade," Henri Barbusse..." - Pires Laranjeira

" A "Claridade" é a independência literária de Cabo-Verde."- Aristides Pereira, Presidente da República de Caboverde;- Secretário-Geral do P.A.I.C.V.

" Fui ao seu enterro porque sou caçador de heranças." Osvaldo Alcântara

"Porque onde há testamento, necessário é que inter-venha a morte do testador; porque um testamento tem força onde houve morte." - "Epístola de Paulo aos Hebreus", cap. 9, vers. 16 e 17. -
O contexto

Na poesia claridosa- Jorge Barbosa, Manuel Lopes e Osvaldo Alcântara- creio existirem duas linhas de força (ou duas vertentes), a que, por comodidade, chamarei "inquietação social" e "inquietação marítima." Digo inquietação social para referir uma poesia cujo sujeito é o "povo" caboverdiano e cujo objecto são os problemas concretos desse povo, as vicissitudes da sua movimentação vital, no espaço em que exercita a sua capacidade de sobrevivência. Digo inquietação marítima para significar uma poesia motivada pela insularidade geográfica, ou, mais, rigorosamente, pelas relações que, nessa poesia, se estabelecem entre o homem caboverdiano e o mar. Com efeito, não se trata de um mar morto, mas, de

um mar actual e actuante.-Jorge Barbosa, no poema "O mar", fala do "cântico do Atlântico/ que se não cala em nós!" Manuel Lopes, no poema "Ecran" fala das "ondas que não param nunca" e repete o verso por três vezes: no início, no meio e no final do poema.- Em ambos os poemas, a mesma ideia: a presença viva do mar. Mais: o mar está em tudo e, em todos. Vejam-se os versos de Jorge Barbosa, no "Poema do Mar":

" O mar
dentro de nós todos
no canto da morna
no corpo das raparigas morenas
nas coxas ágeis das pretas
no desejo da viagem que fica
em sonhos de muita gente!"

Eis aí: o mar não é apenas uma presença; o mar não é algo que acresça ao homem, ou, que esteja fora dele. O mar está no homem: está na "alma", está no corpo. E, não, de modo passivo. O mar é movimento. Impregna e espraia-se no canto da morna; explode nas coxas ágeis das mulheres; preenche os sonhos e as inquietações. Em suma: o mar está em tudo e em todos.

Tal como na vida do caboverdiano, o mar, na poesia de Jorge Barbosa e Manuel Lopes assume dois aspectos: de um lado, o mar inter-insular, elo de ligação, prolongamento da Terra; de outro lado, o mar que está para lá das ilhas, o mar alto, o mar inquieto, interposto entre a terra-mãe imediata das ilhas e uma outra terra: a mítica Terra-Longe.-Esta, a Terra-Longe, é o reflexo, na poesia, da emigração imperiosa, tal como fora, primeiramente, o reflexo da emigração na novelística popular (pelo menos, na novelística popular da ilha de Sanicolau).

A inquietação marítima tem os seus expoentes em Jorge Barbosa e Manuel Lopes.- Na poesia de Osvaldo Alcântara o mar não existe. Se aparece, é de modo incidental, accidental, e inconsequente. Osvaldo Alcântara é, por excelência, o poeta da inquietação social. Convém, todavia, esclarecer que, tanto em Jorge Barbosa, como em Manuel Lopes, existe, também, uma poesia de inquietação social. Só que, em Jorge Barbosa e Manuel Lopes, a inquietação social restringe-se a dois momentos, ou dois estádios: adesão ao outro e denúncia crítica dos factores determinantes da situação do homem caboverdiano e das circunstâncias que, nos últimos 50 anos, condicionaram, dificultando, a caminhada do homem caboverdiano.

Na poesia de Osvaldo Alcântara, a inquietação social, como veremos, assume uma outra profundidade e uma noção, ultrapassando a denúncia crítica. Osvaldo Alcântara, para me servir do seu poema

"Capitão das Ilhas", é um caçador de heranças e, como veremos, oportunamente, Ele é um agente que recebe, enriquece e transmite a herança recebida.- Osvaldo Alcântara é, a um tempo, herdeiro e autor de heranças.

Ficou dito, ainda agorinha que o objecto da poesia de inquietação social são os problemas concretos do caboverdiano, bem como as vicissitudes da sua movimentação vital, no seu espaço físico - social,

Este espaço, digamos, Caboverde, reveste características idênticas, quer em Jorge Barbosa, quer em Manuel Lopes, quer em Osvaldo Alcântara.

A ilha é uma prisão; a vida do povo é dolorosa e sobressaltada; as perspectivas são poucas ou nenhuma; as estiagens matam; a paisagem é árida e sufocante.

Jorge Barbosa descobre que a "ilha tão desolada, rodeada de mar", é uma "prisão" e que o mar são as "grades da sua prisão"; no poema "Irmão" insinua que o destino é

" Viver sempre vergado sobre a terra
a nossa terra
pobre,
íngrata
querida; "

No poema " Paisagem" refere:

" Em tudo
o cenário dolorosíssimo
da estiagem
da fome; "

Manuel Lopes, no poema Naufrágio:

" Ai a solidão dos montes
despidos, à nossa volta
onde a vida se consome
-seios nus, ensanguentados
onde as raízes morrem de fome..."

Osvaldo Alcântara, no poema "Deslumbramento", da "sua" prisão, refere a aridez da paisagem, evoca os "rictus de homens crispados de medo", "crateras de bombas", "Himalaias".

Como se vê, em todos eles, Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Osvaldo Alcântara, a denúncia é veemente e sem ambiguidades. Que atitudes assumem esses três poetas, perante a dolorosa realidade denunciada?

Em Jorge Barbosa e Manuel Lopes surge uma espécie de frustração, de acabrunhamento, de impotência, de beco sem saída: a realidade esmaga-os.

Jorge Barbosa por exemplo, no poema "Paisagem", cujo tema é a miséria e a fome, provocadas pela falta de chuva, limita-se a exclamar

" Malditos
estes anos de seca!"

Face à prisão, que é a ilha cercada de mar, o poeta "emigra", em busca da Terra-Longe:

"E fico por instantes
construindo
fantasiando
cidades
terras distantes
que apenas sei existirem
por aquilo que se diz..."

No citado poema "Irmão", Jorge Barbosa, inerte, aceita que o "nosso" drama tem uma "expressão passiva;" conforma-se com a "nossa silenciosa revolta melancólica" e conclui, amargamente que o destino é "viver sempre vergado sobre a terra."

Jorge Barbosa não vislumbra nenhuma saída. Está encurralado, definitivamente.

Manuel Lopes, por seu lado, no ciclo de poemas "Porto Grande", sobre a decadência do porto de São Vicente e o desemprego, evoca

" o carvoeiro dos tempos idos
peça duma engrenagem inútil tombada no chão,"

para concluir, comovidamente e conformadamente:

" Eu sinto o drama do teu rosto limpo
onde não há vestígios de carvão!..."

No poema Naufrágio, perante os

" seios nus ensanguentados
onde as raízes
morrem de fome!..,

Manuel Lopes regista, resignadamente,

" Gestos parados
caladas ânsias
gritos sem voz..."

E, no poema " Ecran ", o mesmo profundo abatimento:

" Aqui nada disto existe: é tudo resignação."

Manuel Lopes, também, está encurralado.

Submergido, embora, pela tragédia que o envolve e
despedaça, Manuel Lopes não aceita a derrota:

" há lutas que eu desejo
com a indomável ânsia de um cavalo preso à
beira do caminho, todo o dia."

Só que, as lutas que o poeta deseja, deverão ser travadas, não aqui, mas "para além destas ondas que não param nunca," ou seja, na mítica Terra-Longe.

Jorge Barbosa e Manuel Lopes retratam e denunciam, virilmente, a realidade cruel; aderem ao outro. O esforço é grande, mas, não encontram saída. Frustração, abatimento, viagem para a Terra-Longe. Em busca de quê? Obviamente: em busca da plenitude de um espaço e de um tempo que sejam o contrário do espaço que os aprisiona e do tempo que os sufoca. Buscam, em suma, o território livre de "Pasárgada".

O Caçador de heranças

E Osvaldo Alcântara? Com Osvaldo Alcântara tudo se modifica. Escreve Osvaldo Alcântara, no poema "Deslumbramento":

" Tudo é estrela na minha prisão."

Reparem: da prisão nasce a estrela, símbolo dos espaços amplos e sem limites.

Osvaldo Alcântara recusa a condição de prisioneiro. E, recusa, não porque fuja da prisão, mas, porque extrai dela, dialeticamente, o seu contrário: a estrela libertária.

No mesmo poema "Deslumbramento" Osvaldo Alcântara continua:

" O que eu não daria para saber
quem esteve semeando tantas fosforescências
neste terreno árido!"
Observo com olhos atônitos esta paisagem
e tudo me arrepia e me estimula e me tempera."

Assim fala Osvaldo Alcântara.- A aridez transforma-se em luminosidade e da paisagem desolada e inerte, nasce o estímulo, estoura a vida, pulsa a liberdade. Quem o diz é Osvaldo Alcântara:

" Himalaia, crateras de bombas.
Rictos de homens crispados de medo
vou libertar-me convosco, agonizar
convosco, levantar as mãos ansiosamente
convosco!"

Reparem: já não se trata de um só: o individual integrou-se no colectivo: " Rictos de homens crispados de medo/ vou libertar-me convosco."

Não existe desânimo, nem viagem para a Terra-Longe. Do fraco nasceu o forte, da prisão nasceu a estrela libertária, do individual nasceu o colectivo. Os homens estão de pé. Aqui. Para, no fim, como diz Osvaldo Alcântara,

" colher o fruto desta vitória lenta
que vem marchando com passos silenciosos
para mim há tantos séculos.
Como prémio dos meus olhos bem abertos
para esta paisagem árida que me deslumbra..."

Osvaldo Alcântara não está encurralado: Ele inventou, aqui e, não lá, o trilho da rebeldia e da libertação.

A mesma atitude e a mesma disponibilidade para a luta, encontram-se em quase toda a poesia de Osvaldo Alcântara.

No poema " Kessaca", por exemplo:

" venham todos de braço dado na
ronda dos pecadores,
que as criaturas se façam criadores."

Subjazem a estes versos duas ideias: uma, de comunhão e comunicação; outra, de rebelde e dialética incorformidade: " que as criaturas se façam criadores."

No mesmo poema " Kessaca " surgem, bem vincadas, a recusa da passividade e a recusa da viagem para lá:

" A minha principal certeza é o chão em
que se amachucam os meus joelhos doloridos,
mas todos os que vierem me encontrarão agi-
tando a minha lanterna de todas as cores
na linha de todas as batalhas."

Como se vê, as batalhas a travar, são aqui (o chão em
que se amachucam os joelhos doloridos).

Outro caso exemplar é o poema " Canção da minha Rua",
integrado nos " Poemas do Ciclo da vizinha."

A vizinha vive com um "tropa" português e tem um piano,
no qual executa músicas portuguesas, em intenção do tropa, seu companheiro.
" Depois (e, aqui, passo a transcrever o poema),

" Depois, a vizinha recorda-se de que o
mundo é muito largo
há outras músicas, outros destinos,
outros tropas
e, do seu piano sai uma melodia ponta-de-lança
para a penetração de novos Territórios."

Reparem no seguinte: o núcleo inicial do poema é um
facto, aparentemente, banal e inconsequente: decorre num espaço li-
mitado e restrito- uma casa; o seu significado e conteúdo é igualmen-
te restrito e diz respeito, apenas, à pessoa que, no facto participa
e que criou o facto.- Estamos situados no particular e no individual.
Subitamente, porém, tudo se transforma, tudo se dinamiza. Surge a
percepção de que a vida não se esgota no espaço da casa; de que, no
mundo, ninguém está só e que existem outros casos, para além do nosso.
A melodia inicial perde o seu sentido: não serve; não convém à gran-
deza do mundo, nem à múltipla inquietação da vida. A vizinha inventa
uma melodia adequada: ponta-de-lança para a penetração de novos ter-
ritórios. O particular inicia o processo da sua integração no geral.

E o poema, em movimento, continua:

" Morreu a carícia ao tropa
(a vizinha lembrou-se de que há
negros americanos,
há pássaros cantores de outras florestas,
há caboclos, há **poetas** do morro) e a sua
canção sobe alvoroçada
como um abraço para todos os continentes."

Reparem: concepção do mundo desmusarada e fraternal, integração e participação nos destinos do outro. A integração não é neutra, pois o "outro" não é um qualquer. O "outro" é o oprimido: o negro americano, marginalizado e segregado; o caboclo brasileiro, subjugado por uma estrutura fundiária opressiva; os poetas que, na degradação do morro, choram nos seus sambas.

Não é tudo, porém. Efectuada a viagem para novos territórios, operado o encontro e a integração. Osvaldo Alcântara continua:

" Depois, ainda,
o mundo faz a sua viagem de regresso,
a melodia recolhe-se apressada, numa
ansiedade humilde,
como se receasse não atinar com a boca
desmesurada
do alto-falante destinado a recebê-la.
A vizinha chega ao seu chão familiar."

A melodia inicial, a melodia ponta-de-lança que abraçou o mundo e os homens, regressa ao ponto de partida. Enriquecida, porém, incorporou, nela, o mundo e os homens oprimidos. A casa da vizinha, conservando, embora, a sua especificidade, é, agora, o mundo.

Eis o essencial: alienação, desalienação. O individual parte em busca do colectivo. Integra-se no colectivo. Mas, ao integrar-se no colectivo, o individuo integra, em si, o colectivo. E, com o colectivo integrado em si, o individuo regressa aos limites de onde partiu. Mas nada continuará como dantes: os limites foram superados, a mudança foi qualitativa.

Osvaldo Alcântara é caçador de heranças e autor de heranças. Recebe e transmite. A herança aqui recebida e, transmitida é, justamente, a superação dos limites, mediante a incorporação do colectivo e sua projecção dialética no espaço outrora restrito. De aí que Osvaldo Alcântara conclua o poema, sublinhando que a vizinha, de regresso ao

" seu chão familiar, vai poder olhar
as estrelas que viu, sem receio de
perder o equilíbrio."

A escada que conduz ao futuro, desenha-se e insinua-se. A primeira condição foi posta: não perder o equilíbrio.

O que tenho estado a dizer está subjacente a toda a

poesia de Osvaldo Alcântara.- Mas, a sua condição de caçador de heranças é, por Ele, assumida, expressamente, no poema "Capitão das Ilhas." Escutem:

" Morreu hoje o capitão de um navio das ilhas.
Não foi porque ele era bom
e puxava afectuosamente o fumo do seu cigarro
quando falava comigo
que eu fui ao seu enterro.
Fui ao seu enterro porque sou caçador de
heranças
e queria confessar a minha gratidão pela
riqueza que ele me deixou,
pela sua dimensão desmesurada do mundo
e pela sua incorporação no veleiro em que
todos navegamos."

A herança deixada pelo Capitão das Ilhas é esta: sentimento generoso do mundo, ou seja, da superação dos limites e da unidade; sentimento do colectivo, ou seja, do plural orgânico; ideia de que o colectivo está em movimento, isto é, recusa da passividade. Esta ideia resulta da simbologia do "veleiro em que todos navegamos." Resumindo: o singular assumindo o colectivo; o plural dinamicamente fundido na unidade, viajando para um mundo despojado do arame farpado das fronteiras.

Herança de conteúdo social e de participação nos destinos comuns. Num outro poema, o "Do Rapaz torpedado." a herança caçada projecta, no presente morto, o futuro vivo e dinâmico.

Escutem:

" Éramos vinte numa jangada
e o rapaz torpedado connosco.
Havia trinta dias
que andávamos à tona de água
e já não tínhamos comida
e já não tínhamos mais água."

Estes são os versos iniciais do poema; uma jangada à tona de água; vinte naufragos sem comida, na estreiteza da jangada. Nada de significativo: descrição seca de uma situação dramática e sem perspectivas. Foi então que o rapaz torpedado contou a sua história. Ei-la:

" Uma vez um rapaz moço morreu
porque queria ver o mundo.
Mas o mundo queria
era sentir-se orgulhoso do seu poder.
E o rapaz moço morreu
porque queria ver o mundo."

Assim termina a história do rapaz torpedeado. "Termina" é maneira de dizer. Ela vai ser apropriada pelos náufragos, transformando a situação inicial. Após o relato da história do rapaz torpedeado, o poema continua:

" Tínhamos tido latas de alimento sintético
e de leite condensado,
fomos adiante vivendo
da história do rapaz torpedeado."

Aqui, acaba o poema. "Acaba" também é maneira de dizer. Vejamos a herança deixada e caçada. Ver o mundo é conhecer o mundo. Conhecer é ultrapassar limitações, é libertar-se. Ao conhecer, o sujeito do conhecimento liberta-se e transforma-se, pois integra em si a novidade, algo que anteriormente se achava fora do alcance das suas mãos. Mas, o objecto do conhecimento, ao ser conhecido, também se liberta: integrado no sujeito, deixa de ser objecto e transforma-se em sujeito. Efectivamente, o objecto do conhecimento, só passa a ter existência, depois de conhecido. "Conhecer", por conseguinte, é libertar e libertar-se. Justamente por isso é que o rapaz moço morreu, ou melhor, foi morto. Ele queria libertar-se e libertar. As forças que se opõem à libertação do homem mataram-no. A exemplaridade do seu sonho, porém, não pôde ser morta. De aí que os naufragos, já sem comida, na jangada limitada e, solitária tenham seguido adiante, vivendo. Vivendo de quê? Da história do rapaz torpedeado: a história sempre jovem; daquele que busca a liberdade própria e alheia.

Eis a herança: libertar-se, libertando. E que fez dela, Osvaldo Alcântara, o caçador de heranças?

Projectou-a, dialecticamente, nos caminhos do futuro. A jangada, inicialmente, andando à tona de água, para lado nenhum, adquiriu o seu próprio movimento e encetou a sua viagem ascensional, para a frente: "Fomos adiante vivendo." Quem segue adiante, vivendo, busca o espaço futuro e o tempo futuro. A jangada só cumpre a sua função salvadora, na medida em que seguir adiante, navegando. Veremos oportunamente que espaço e que tempo são esses.

A captação da herança útil e sua projecção dialéctica nos caminhos futuros, surgem ainda e, de modo incisivo, no poema "Só".- Atendem nos seguintes versos:

" Silenciosamente só, no meio dos meus
companheiros emudecidos
dos epitáfios dos camaradas mortos
vou extraíndo
letreiros sem palavras para os que hão de vir,
que são todos os que nasceram e vejo
em toda a extensão da minha estrada."

A situação de onde vai emergir a herança é esta: solidão tensamente contida, no meio dos companheiros amordaçados. Ou seja: opressão e impossibilidade de comunicação. Trata-se porém de uma solidão tensa, voluntariamente contida, prestes a explodir, transmutando-se em movimento, em participação activa do sujeito no conjunto. Efectivamente, o poeta proclamara já, no início do poema, " a paz " que sente em " ter o orgulho de andar sem ninguém e com todos em tudo."

A herança a ser caçador dessa situação de bloqueio e atonia, será a negação dela e suscitará uma situação nova:

" dos epitáfios dos camaradas mortos
vou extraíndo
letreiros sem palavras."

O epitáfio é uma inscrição tumular, relacionada com o falecido.-Certifica e comprova a morte, a finitude, a descontinuidade.- A supressão das palavras suprime isso tudo: nega o túmulo, nega a finitude, nega a descontinuidade. Os letreiros não têm palavras, mas são letreiros. E o que são as letras, senão sinais? Sinais mudos, nos quais estão contidos, todavia, os sons da fala! Os letreiros, por conseguinte, encontram-se impregnados de sonoridades. Aqueles que hão de vir organizarão as sonoridades de modo adequado, ou seja, criarão as palavras necessárias. Ter a palavra é ter o poder. Aqueles que hão de vir terão o poder. Mas aqueles que hão de vir, não são os que ainda não nasceram: são os que nasceram já e vivos permacecem. E que é "nascer"? Nascer é ter vida exterior; é sair do ovo; é romper o bloqueio; é emergir das trevas para a luz; é, a um tempo, criar a descontinuidade e estabelecer uma nova continuidade. Os letreiros sem palavras destinam-se, pois, àqueles que, saindo do ovo, romperam os limites. Esses

organizarão as sonoridades, criarão a palavra, darão continuidade à mensagem dos camaradas mortos.- Esses hão-de "vir", ou seja: hão-de arremeter. Eis aí a herança caçada; eis aí o seu conteúdo e sentido. Dos epítáfios, Osvaldo Alcântara extrai, dialécticamente, a redenção e projecta a sua potência redentora nos caminhos do futuro. Redenção de quê, ou, de quem? quem virá arremeter? Contra quem ou contra quê? Antes de prosseguir, fixemos o conteúdo e natureza das heranças caçadas:

a) Sentimento do plural-colectivo; b) Sentimento de estar ligado pelo todo e no todo; c) Participação activa e criadora; d) Sentimento do futuro e da necessidade de, a partir do presente, preparar o futuro.

Para me servir da terminologia do sociólogo Gurvitch: trata-se de uma sociabilidade activa, ou seja, aquela sociabilidade que se propõe o cumprimento de tarefas, na qual predominam as atitudes volitivas e é constitutiva de actos mentais, de centros de escolha, decisão e criação. Chamo a vossa atenção para a expressão "caçador de heranças," utilizada pelo próprio Osvaldo Alcântara.- Nela está contida a ideia de que a herança não cai do céu, como o maná no deserto e que é, antes, o sujeito em movimento, quem procura a herança, quem a descobre, e se apropria dela e a reelabora. A herança não é uma dádiva: é uma descoberta e uma invenção. Aliás, isto mesmo encontra-se subentendido nos seguintes versos:

"ninguém bata à minha porta,
eu é que baterei à porta dos outros."

O Autor de Heranças

Fechado o parêntesis, regressemos às questões postas: Redenção de quê, ou, de quem? quem virá arremeter? Contra quem e contra quê? É impressionante a frequência com que, na poesia de Osvaldo Alcântara, surgem palavras e expressões de sentido antagónico, sugerindo situações de luta, combate, confrontação, batalha: "batalha necessária," "batalha a vencer", "Lapada", "Justiça", "Amigo", "Inimigo", "Vitória", "futuro", "superança", "héu", "culpa", "pecado", "redenção". Tais palavras e expressões não são folhas avulsas, nem são inocuas. Inserem-se num contexto e obedecem a uma estratégia. O contexto é o que ficou já dito: opressão, estrangulamento, afonia. O objectivo estratégico é a destruição das forças opressoras e a libertação. Ou, como diz Osvaldo Alcântara no poema "Urbi et Orbi":

" sou simples pedra
para que a nossa casa se levante e
eu possa ver o horizonte escondido."

Um no poema " Oração à Poesia":

" Ilumina, ó Deusa, todo o território
que eu piso,
porque sou o filho à procura do leite materno".

Procurar o leite materno pressupõe que a Mãe foi subtraída ao filho. Estamos perante um ser mutilado que, procurando o leite materno, recusa o estrangeiro, e constitui-se em instrumento da casa própria que, um dia, se há de levantar, ou seja: a autonomia vai ser assumida e conquistada. Então Ele será o homem novo, como afirma Osvaldo Alcantara no poema " Experiência ". Conquistada contra quem, por quem e como?

Vou referir alguns poemas que me parecem exemplares, - designadamente, " Panfleto", " Romanceiro de São Tomé ", " Menino de dentro Gongon", "Ressaca" e "Deslumbramento".

O "Panfleto" e o "Romanceiro" têm, por motivação imediata, a emigração de caboverdianos para o Arquipélago de S. Tomé, como trabalhadores das roças. O "Romanceiro" está estruturado em torno de três figuras, ou três símbolos: "Nicolau", "Caim" e o "Amigo". Nicolau é aquele que foi transformado em serviçal, em gado humano, em coisa, em mercadoria. Caim é o inimigo, o que subtraiu a Nicolau a sua liberdade essencial, o porta-voz daqueles que se opõem à libertação do homem. O Amigo, é o libertador. Escutem estes versos:

"Vem Amigo.
Chicoteia outra vez, que faltam séculos
de séculos
para o teu reino ser achado".

"Olha por Nicolau.
Os mercadores nada poderão contra ele.
Sei que a tua espada há-de fulgurar nas
batalhas necessárias
e Nicolau nunca mais voltará a ser a moeda
das riquezas de Caim".

Reparem: o oprimido é a fonte da prosperidade do opressor. O Libertador assume o oprimido: é a vanguarda consciente e organizada da legião dos oprimidos. A batalha a travar é, duplamente, necessária: necessária, por ser inevitável; necessária, por conduzir à libertação, do homem. Atentem, agora, nos versos do poema "Panfleto":

" Eu só queria saber quem foi o réu desta culpa;
vê-lo, discriminar as suas feições
denunciar a desencarnação em que ele se esconde
anonimamente;
fazer dele um substantivo concreto
vê-lo, dominá-lo com a justiça implavável
deste gado humano "que no vapor da carreira
chegou hoje de S. Tomé".

O opressor, afinal, não tem rosto próprio; não tem existência autónoma: acha-se diluído nas forças da opressão. Antes de ser causa, o opressor foi consequência. Osvaldo Alcântara apercebe-se disso: a única tranquilidade decorrente da situação opressora, "consiste em ser accionista com palacete em Lisboa". A libertação implica a destruição dos factores da opressão.- Não se trata de libertar, apenas, o serviçal caboverdiano: trata-se de libertar todos os serviçais, inclusivé, o agente da opressão. Em suma: trata-se de libertar o homem; de destruir os factores da opressão. Para começar, há que levantar a "nossa casa", ou seja: destruir a situação colonial.

Enquanto isso, é preciso resistir lúcidamente; caçar heranças e, com elas, preparar os caminhos do futuro. Aqueles que para a liberdade nasceram e liberdade não têm, estão em marcha; a "nossa casa" será levantada; reencontraremos o leite materno.

" Sentimento de confiança no processo histórico-cultural, depositada na dinâmica das forças de reprodução mutativa."

Cântico de cânticos que é este, de Osvaldo Alcântara: o cântico da manhã futura.

Osvaldo Alcântara